

2016

# Musicartechnologia

**MUSICAL MENDELSSOHN - ESTUDOS**

## FILOSOFIA DA LINGUAGEM

A Filosofia da Linguagem é uma disciplina que oferece pistas para você pensar o universo que nos cerca, repleto de signos, regidos por códigos, que constituem as linguagens.



**Prof. Elizeu Monteiro de Oliveira**

**musicalmendelssohn@musicartechnologia.com**



*Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.*

*Técnica Vocal com praticas de solfejos.*

*Pratica Instrumental: Cordas, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)*

*Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-*

*Fone: 3841-2361 ou 981364821*

## FILOSOFIA DA LINGUAGEM

### Dialogando com um conceito

Principais inferências sobre Filosofia da Linguagem. O objetivo, como já descrevemos anteriormente, é nos capacitarmos melhor para o desenvolvimento da consciência crítica através do conhecimento, aprofundando questões sobre as sensações, sentidos e sentimentos provocados pela experiência advinda dos fenômenos de nosso cotidiano.

Textualizar é construir simbolicamente uma “realidade”. É inventar, criar, mover um pensamento, entrelaçar códigos e, com isso, articular novas linguagens. Organizar textos culturais é manter a cultura viva, uma vez que o processo se dispõe não apenas a ser instrumento do fazer, mas a ser depósito do saber-fazer.

O processo textualizante é, assim, uma forma de ação cognitiva do homem, espécie de mola que o empurra a buscar sempre novas saídas para suas dúvidas, principalmente aquelas vindas do mundo externo.

O conceito de texto é preciosamente definido pelo linguista russo Iuri Lotman (1976), da Escola de Tartu, que o edifica sobre três alicerces: **a expressão, a delimitação e o caráter estrutural.**

- **Expressão:** um determinado arranjo de signos forma o texto, sendo que os critérios dessa escolha fixam o significado que se quer dar à mensagem em elaboração;

- **Delimitação:** ao definirmos os signos que serão utilizados nesse processo, excluimos outros que não compõem a estrutura textual em produção, a não ser por oposição ou por ausência.



*Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.*

*Técnica Vocal com praticas de solfejos.*

*Pratica Instrumental: Cordas, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)*

*Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-*

*Fone: 3841-2361 ou 981364821*

- **Caráter estrutural:** um texto não representa uma simples sucessão de signos no intervalo de dois limites extremos (expressão e delimitação), mas possui organização interna que o estrutura (LOTMAN, 1976: 104-106).

E aqui, abrimos a primeira porta para entendermos a linguagem como uma questão filosófica a partir do conceito de **signo**, que veremos mais adiante sob vários focos conceituais. Ao falarmos de signos, códigos e linguagens levaram em consideração que eles estão em movimento, em envolvimento, em comunicação entre homens e homens, homens e máquinas e máquinas e máquinas.

Parte da tarefa do filósofo é fazer ressaltar as características do uso ou da significação dessas formas comunicativas. Assim, à medida que a Filosofia é concebida, em princípio, como uma análise conceitual sobre um universo ilimitado de potencialidades, a Filosofia da Linguagem ocupa uma posição utilitária, pragmática, na estruturação de teorias e de métodos filosóficos.

## **Estruturas textuais da cultura humana**

Sob uma perspectiva evolutiva, podemos observar que, em nosso tempo, as conquistas tecnológicas no campo da comunicação ampliaram as fronteiras o saber. O homem ultrapassa seus limites repertoriais com mais facilidade, sabendo cada vez mais a respeito de cada vez mais assuntos. Parece ser um consenso, portanto, que a informação é um dos bens simbólicos, mais consumidos ao longo dos últimos séculos. O conceito de informação é muito bem definido pelo alemão Harry Pross, um pensador da cultura.

As técnicas de divulgação, os meios de comunicação, são, assim, potentes instrumentos para ajudar na elaboração desses padrões. Assumem o papel de canais de transporte de conteúdos vivenciais de determinadas culturas para outras, universalizando os repertórios.



*Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.*

*Técnica Vocal com praticas de solfejos.*

*Pratica Instrumental: Cordas, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)*

*Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-*

*Fone: 3841-2361 ou 981364821*

Tomando o trânsito da cidade como texto cultural, podemos observar que ele é formado por uma série de signos, unidades mínimas de todo processo textualizante. No caso, os signos são de caráter:

- Gestual (do motorista, dos pedestres, dos policiais),
- Verbal - oral (os gritos, os xingamentos, as cortesias),
- Verbal - escrito (placas, talonários de multas, leis do trânsito impressas, folhetos de alerta),
- Visual (semáforo, percepção visual do fluxo dos carros, das pessoas que transitam a pé, das que estão dentro dos veículos),
- Sonoro (buzinas, alto-falantes, música do rádio).

Todos esses signos possuem códigos próprios, regras que os regulamentam para poderem existir e agir nessa complexidade que é o texto cultural “**trânsito de uma cidade**”. A interação dos signos, a submissão e ordenação deles por um código, é o que determina a linguagem. Linguagem é, portanto, a combinação do conteúdo e da forma de qualquer mensagem.

## **Processo de codificação de linguagens**

Curioso por natureza, o homem quer conhecer o que lhe cerca. Quer aprender sobre as formas do universo, manipular técnicas, compreender artes e descobertas científicas. Busca, assim, aprimorar seu repertório de informações. Acredita, com isso, garantir uma posição estratégica frente a outros de sua espécie. Faz parte do instinto humano a atividade de competir. Jogar significa poder vencer o inimigo. “A ânsia de ser o primeiro assume tantas formas de expressão quantas as oportunidades que a sociedade para tal oferece” (HUIZINGA, 1971, p.119).

O jogo se complica à medida que se amplia o saber humano. As respostas se tornam cada vez mais insuficientes. As perguntas cada vez mais intrincadas. Assim se arma a trama (o texto cultural), que tem a seguinte regra: os contatos com o exterior (o mundo da ocorrência dos fenômenos) passam a ser sentidos em uma zona de incertezas, uma zona cinzenta, um lugar desconhecido.



*Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.*

*Técnica Vocal com praticas de solfejos.*

*Pratica Instrumental: Cordas, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)*

*Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-*

*Fone: 3841-2361 ou 981364821*

Nesse espaço se trava o combate da figuração. De um lado, as informações já decodificadas pelo cérebro. De outro, o ambiente, o lugar estranho, onde vigoram leis não-conhecidas, mas determinantes sobre o que será a “realidade” humana. Pouco se sabe sobre esse terreno, a não ser que é escuro. É preciso chegar até esse território e ultrapassá-lo. Mas só há um caminho, repleto de obstáculos. Temos que vencer o não-conhecido sob pena de se estagnar, ou morrer, o que vem a ser ideologicamente o mesmo. Chegar a certo nível de repertório e estagnar é próprio do homem. O medo de conhecer, de aprender as coisas novas é um sentimento incomensurável. Superá-lo requer um ritual que depende de um combinado de forças: interesse, vontade e condições físicas para o saber.

## **A noção de código de linguagem**

Código é um sistema de regras que organizam o universo dos signos e possibilitam a criação de linguagens e textos da cultura humana. Convivemos com infinitos tipos de códigos, desde os mais primários, como o choro do bebê (que significa quase sempre dor ou fome); os secundários, advindos das manifestações verbais escritas, visuais, sonoras produzidas por uns para serem decodificados por outros; até os terciários, que pressupõem interações ainda mais complexas, envolvendo operações de produção de linguagens entre homens e máquinas.

De acordo com Bystrina (1989), os três processos de codificação dos signos humanos obedecem esta hierarquia:

- **Processo informacional (biológico)** – considerado como processo primário ou hipolingual, opera com as informações bioquímicas e seu fluxo dentro dos organismos vivos.

- **Processo sígnico (linguagens da comunicação social)** – considerado como processo secundário ou lingual, aí se inserem todas as linguagens necessárias à comunicação social (humana ou animal), do gestual ao verbal, as manifestações visuais e sonoras. Sem a existência de um código ou conjunto de códigos secundários não seria possível a formação e a manutenção de comunidades sociais. O signo é a unidade mínima dessa segunda instância.



*Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.*

*Técnica Vocal com praticas de solfejos.*

*Pratica Instrumental: Cordas, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)*

*Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-*

*Fone: 3841-2361 ou 981364821*

- **Processo cultural (cultura)** – transpassa as fronteiras do pragmatismo necessário à organização social, abrindo espaço para o imaginário, a fantasia, as lendas, a ficção. Nesse universo todas as dificuldades existentes na vida biológica e na vida social são superadas por outros sistemas simbólicos. É um universo comunicativo adensado, pois a cultura é um processo produtivo com resultados que podem ser depositados em diferentes suportes e acessados quando houver necessidade. Chamados de códigos terciários ou hiperlinguais, os textos culturais dessa instância são a unidade mínima em sua composição.

Esses três processos comunicam-se entre si, possibilitando ainda mais a ampliação de sensações, sentidos e sentimentos, alterando e fortalecendo as análises que se fazem sobre as realidades fenomênicas.

## **A unidade mínima da codificação: o signo**

Linguagem é um termo geralmente definido como o instrumento da comunicação e do pensamento. Trata-se, na verdade, de um sistema simbólico que permite ao homem substituir a realidade por entidades mentais chamadas **signos**.

Numa perspectiva da História da Filosofia, temos que, para os gregos antigos, **signo** é uma **percepção que indica qualquer coisa escondida da cognição**. Se pensarmos no contexto contemporâneo, veremos que outros filósofos definem signo como tudo aquilo que representa alguma coisa para alguém.

Com estas reflexões acerca do conceito de signo, podemos pensar a linguagem como um **sistema de signos**. Sob este ponto de vista, devemos entender os signos como **objetos** constituídos de matéria, que chamaremos inicialmente de porção **significante** do signo.

Ao tomarmos contato com o signo materializado (o significante), acionamos nossa percepção pelos órgãos dos sentidos, como já estudamos anteriormente.

A partir daí, evocamos na mente idéias ou conceitos já internalizados pela experiência (parte não-material do signo) e respondemos ao estímulo definindo o seu **significado**.



*Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.*

*Técnica Vocal com praticas de solfejos.*

*Pratica Instrumental: Cordas, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)*

*Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-*

*Fone: 3841-2361 ou 981364821*

O mais poderoso signo criado pelo homem é a **palavra**. É um tipo de signo chamado **símbolo**, pois determina o significado no contexto em que é usado. Por ter esse caráter simbólico tão arraigado, podemos reafirmar que a palavra tem **magia**. Ela nos traz a imagem de qualquer objeto.

Vamos pensar na palavra **SORVETE**.

Cada um de nós construirá em sua mente um tipo de imagem de sorvete: de chocolate com calda, banana-split, de frutas, diets, lights e... Sempre haverá vários significados.

## **A palavra como ferramenta do filósofo– projeto de símbolo.**

A Filosofia é a essência de nossos pensamentos e de nossas ações e por isso se faz presente em nosso cotidiano. A reflexão filosófica, com base em nosso atual universo de linguagens, permeia nossas decisões, mesmo que de forma inconsciente, sem nossa percepção imediata. Qualquer atitude humana se baseia nessas decisões, em nosso poder de pensar, refletir, avaliar, filosofar.

Por isso, a filosofia está retomando seu lugar no Ensino Médio, que já não enxerga essa área do saber humano como um tema sem função prática e concreta. Essa nova visão aponta que o ato de filosofar é intrínseco, não podendo ser separado de sua existência. E mostra que somente a linguagem verbal pode atuar como articuladora desse novo pensar.

Afinal, é pela palavra que o filósofo obtém conhecimentos, elabora seus pensamentos e expõe suas ideias. Por este motivo, pensar a linguagem articulada pelos processos de codificação dos signos linguísticos é uma necessidade premente num momento em que os conceitos se alteram, morrem e renascem a cada dia.

De um modo geral, todos nós sentimos necessidade de entender essa complexidade da vida que se impõe pelo fenômeno da globalização. Este processo, que se iniciou justamente com o desenvolvimento da escrita e ganhou impulso com a era dos descobrimentos, faz revolver a necessidade de reflexão sobre o cotidiano dos novos tempos, sobre os significados desta vida moderna.









*Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.*

*Técnica Vocal com praticas de solfejos.*

*Pratica Instrumental: Cordas, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)*

*Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-*

*Fone: 3841-2361 ou 981364821*

Vem dos gregos grande parte do significado de muitas palavras utilizadas nas mais diversas línguas humanas até hoje. E é desse sistema de codificação que a Filosofia da Linguagem se nutre em sua base.

**Platão (427 – 347 aC)** – Tratou de vários aspectos da teoria dos signos. Preocupou-se em definir o conceito de signo verbal, inicialmente, pois sabia que a palavra tem poder absoluto sobre o ser humano. Trabalhou conceitos de significação e contribuiu com idéias críticas para a teoria da escritura. O lingüista alemão Winfried Nöth nos explica que o modelo platônico de signo tem uma estrutura triádica, onde é possível distinguir os três componentes do signo: “o nome (ónoma, nómos); noção ou ideia (eîdos, lógos, dianóema) e a coisa (prágma, ousía) à qual o signo se refere” (NÖTH, 1995, 29).

Conforme esclarece, no diálogo *Crátilo* (Sobre a justeza dos nomes), Platão investigou a relação entre o nome, as ideias e as coisas. “Uma das questões levantadas é se a relação entre nome, ideia e coisa é natural ou depende das convenções sociais, sendo, portanto, arbitrária” (NÖTH, 1995, 30)

As reflexões do filósofo sobre essa problemática apontam que os signos verbais, os naturais e também os convencionais são representações incompletas da verdadeira natureza das coisas. Platão acreditava que o estudo das palavras não revelaria nada sobre a verdadeira natureza das coisas, porque considerava a esfera das ideias como independente das representações na forma de palavras (signos). Para ele, qualquer cognição concebida por meio de signos são apreensões indiretas e inferiores às cognições diretas:

Desse modo, para Platão, a verdade que se exprime e se transmite por palavras, mesmo que as palavras possuam semelhanças excelentes com as coisas às quais se referem, é sempre inferior ao conhecimento direto, não intermediado, das coisas. A natureza indireta da escritura em relação à língua falada é, também, a base da crítica que Platão faz à escritura no diálogo de Fédon (NÖTH, 1995, 30).

A tradição do pensamento grego nos revela que o signo (semeîon) é, naquele contexto, uma percepção que indica qualquer coisa escondida da cognição.



*Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.*

*Técnica Vocal com praticas de solfejos.*

*Pratica Instrumental: Cordas, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)*

*Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-*

*Fone: 3841-2361 ou 981364821*

**Aristóteles (384- 322 aC)** – Começou a traçar a distinção entre o signo incerto (*seméion*) e o signo certo (*tekmérion*) e discutiu a teoria dos signos no âmbito da lógica e da retórica.

Para Aristóteles, a lógica é instrumento baseado no silogismo, em raciocínio formal estruturado, que supõe certas premissas colocadas previamente para que haja conclusão necessária. Desta forma, se forem verdadeiras as premissas, a conclusão logicamente também o será.

Aristóteles considerava importante o conhecimento da retórica, já que ela se constitui numa técnica (habilita a estruturação e exposição de argumentos) e relaciona-se com a vida pública.

Definiu signo como uma relação de implicação, sentenciando que aquilo que procede ou segue o ser ou o desenvolvimento de uma coisa é um signo do ser ou do desenvolvimento dessa coisa.

Para Aristóteles, o signo é uma premissa que conduz a uma conclusão. Para o pensador grego, o modelo de signo é de concepção triádica. Ele chamou o signo linguístico de “símbolo” (*symbolon*) e o definiu como um signo convencional das “afecções (*pathémata*) da alma”. Descreveu essas afecções como “retratos” das coisas (*prágmata*).

## **Signos no pensamento greco-romano**

**Estóicos (300 aC – 200 dC)** – O aparecimento do estoicismo na Grécia deu-se no período helenístico, após a perda da liberdade política para a Macedônia e, posteriormente, para Roma. Nesse contexto, os estoicos ofereciam ao povo ideias compensadoras e consoladoras, reunidas em uma doutrina que prometia a felicidade a partir do cultivo de uma virtude básica: a aceitação pelo indivíduo de sua condição, regida pela lei única do universo.

A doutrina estoica foi sistematizada e dotada de um instrumental lógico, que tratou de dividir a concepção estoica em três níveis de questões estreitamente ligadas: a física, a lógica e a moral. Nesse escopo, foi desenvolvida uma teoria estoica do signo, que interpretava a cognição de um signo como um processo silogístico de indução.



*Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.*

*Técnica Vocal com praticas de solfejos.*

*Pratica Instrumental: Cordas, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)*

*Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-*

*Fone: 3841-2361 ou 981364821*

Para os estóicos, o signo consiste em três componetes: *semaíon* (é o significante, a entidade percebida como signo); *semainómenon* ou *lékton* (correspondendo à significação ou significado) e *tygchánon* (evento ou objeto ao qual o signo se refere). Nessa perspectiva, enquanto o significante e o objeto são considerados como entidades materiais, o significado é uma entidade ideal, não-corporal. Tem-se, portanto, um modelo triádico do signo.

**Epicuristas (300 aC)** – Surgida do filósofo grego Epicuro, esta doutrina considera a natureza como um conjunto de átomos materiais, cujos movimentos não são regidos por um determinismo rigoroso, mas, ao contrário, pelo acaso absoluto.

Sua moral tem por objeto a felicidade do homem, sendo que Epicuro era considerado como um modelo de sobriedade.

Assim como no estoicismo, o epicurismo trata de oferecer ao homem um refúgio em si mesmo para escapar dos golpes da sorte e das imposições de coisas que não dependem de nós.

Os epicuristas pretendiam desenvolver um modelo diádico do signo, onde só entram em composição o significante (*semaíon*) e o objeto referido (*tygchánon*).

O significado imaterial do signo (*lékton*) não é reconhecido. Na base do modelo epicurista o objeto físico é considerado como a origem das imagens (*eídola*) que emanam de sua superfície, na forma de átomos.

Na cognição do receptor, esses átomos reaparecem como uma nova imagem chamada fantasia. A imagem emitida do objeto e a imagem captada pelo observador descrevem, portanto, os dois componentes do signo.

Por outro lado, os estoicos consideravam que a cognição não é só um processo inteiramente mecânico; o reconhecimento de um signo, para eles, presumia a capacidade de antecipação (*prolépsis*) por parte do receptor.

Ou seja, quem decodifica mensagens precisa ter um repertório mínimo para entendê-las.

**Aurélio Agostinho (354-430)** – Santo Agostinho é considerado o último dos pensadores antigos. É também visto como o primeiro dos medievais, já que sua obra, de grande originalidade, influencia os rumos que tomaria o pensamento medieval em seus primeiros séculos. Como o maior vulto da filosofia metafísica cristã, Agostinho



*Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.*

*Técnica Vocal com praticas de solfejos.*

*Pratica Instrumental: Cordas, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)*

*Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-*

*Fone: 3841-2361 ou 981364821*

inspirou-se em Platão, fundindo o caráter especulativo da Paidéia (Educação) grega com o caráter prático da humanitas latina, se preocupando com problemas práticos e morais: o mal, a liberdade, a graça, a predestinação.

É considerado o verdadeiro fundador do estudo sobre os signos, concordando inicialmente com a teoria epicurista, que definiu o signo como um fato perceptivo que representa alguma coisa atualmente não perceptível.

No entanto, sua definição de signo segue a dos estoicos. Em sua contribuição para o desenvolvimento dessa questão, aceitou o papel da interferência mental no processo de interpretação do signo.

Assim, distinguiu os signos naturais (aqueles que revelam a vontade de Deus na criação terrestre), dos signos convencionais (aqueles convencionados a vivência em sociedade). Signos naturais, segundo Agostinho, não provêm de uma produção voluntária, correspondem a uma causa natural. Signos convencionados supõem a intencionalidade, são aqueles por meio dos quais os seres manifestam aquilo que pensam e sentem.

Suas reflexões se estenderam dos signos verbais para os não verbais.

## **Idade Média e os primeiros esboços para uma teoria do signo.**

A Idade Média se iniciou com a desintegração do Império Romano do Ocidente (476 d.C.) e terminou com o fim do Império Romano do Oriente, marcado pela queda de Constantinopla no século XV (1453 d.C). A partir do século V, sob a influência da cultura judaica e cristã, os pensadores cristãos começaram a desenvolver temáticas filosóficas para equilibrar os dogmas da fé com a Filosofia, até então marcada pelo pensamento clássico grego.

Foi nesse contexto que, no século IX, surgiu a Escolástica, com a necessidade de responder as exigências da fé advindas da Igreja, instituição que ditava os valores espirituais e morais daquele período por toda a Europa. A Escolástica combinava elementos do pensamento de Platão, com os valores de ordem espiritual do Ocidente cristão. No século XII, Tomás de Aquino introduziu no pensamento escolástico elementos da filosofia de Aristóteles, abrindo caminho para o surgimento da Teologia.



*Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.*

*Técnica Vocal com praticas de solfejos.*

*Pratica Instrumental: Cordas, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)*

*Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-*

*Fone: 3841-2361 ou 981364821*

Assim, fé e razão se tornaram os temas principais da discussão filosófica daquele momento.

Durante o período medieval, os estudos sobre as questões do signo e significado se desenvolveram no âmbito da Teologia e também da Gramática, da Retórica e da Dialética (entendida como lógica das transformações), ganhando espaço de divulgação nas escolas universitária.

Seguindo a tradição romana, os escolásticos faziam da lógica, depois da gramática, o fundamento na formação de um estudante. Assim, o estudante que conduzia bem seus procedimentos silogísticos, tinha aprovação de seus mestres.

Fundamentados na filosofia estóica, os escolásticos distinguiram três ciências: a filosofia natural, a filosofia moral e a ciência dos signos, também conhecida como ciência racional, que equivale à lógica. Os temas predominantes na produção filosófica deste período são, essencialmente, as doutrinas do realismo, do nominalismo, as doutrinas das suposições e dos modos de significação. Segundo Nöth, a distinção entre denotação e conotação foi clivada neste momento, abrindo caminho para o surgimento de uma teoria da representação com o foco voltado às funções dos signos, símbolos e imagens (NÖTH, 1995).

Destaca-se neste contexto, o trabalho de Roger Bacon (1215-1294), frade franciscano conhecido como Doctor Mirabilis (Doutor Admirável). Sob a influência de textos vindos do mundo árabe, Bacon deu ênfase ao empirismo, contribuindo para a delimitação de um método científico circular: observação, hipótese, experimentação.

Para ele, a concepção escolástica de raciocínio aparecia como um obstáculo à verdade. Assim, constatou que apenas a experiência ensinaria alguma coisa. Em seus estudos, apontou que, de todos os tipos de experiência, a melhor seria a iluminação interior. Considerava este tipo de experiência um aprimoramento sobre a natureza, algo que os sentidos externos nunca poderiam descobrir. No campo da teoria geral dos signos, contribuiu com o tratado *De Signis*.

Na cultura medieval e até a Renascença, surgiram muitos modelos filosóficos para explicar a interpretação dos signos humanos, os animais e os naturais. Também apareceram modelos criados para servir de chave à interpretação de todo o mundo



*Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.*

*Técnica Vocal com praticas de solfejos.*

*Pratica Instrumental: Cordas, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)*

*Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-*

*Fone: 3841-2361 ou 981364821*

natural. O mais difundido desses modelos é o dos quatro sentidos exegéticos, cuja origem são os textos bíblicos.

A interpretação do mundo cristão na era medieval baseava-se na interpretação da Bíblia. Ela deveria ser feita sobre quatro níveis, capazes de revelar quatro sentidos diferentes do mesmo texto. No primeiro, os textos tinham sentido literal ou histórico, no segundo, aparecia o sentido moral. No terceiro, havia o sentido alegórico e o quarto sentido referia-se aos mistérios celestes. Este modelo também foi usado mais tarde para ler o mundo natural.

### **Uma ponte para o Renascimento**

A obra de William de Ockham, ou Guilherme de Occam, conhecido como Doutor Invencível marcou a transição do pensamento medieval para o pensamento renascentista. Nascido na Inglaterra (1285) ingressou na Ordem Franciscana, onde estudou Filosofia. Tornou-se o maior expoente da escola nominalista, influenciando o pensamento lógico na Idade Média. Sua obra *Ordinatio*, determinava que todo conhecimento racional têm base na lógica, de acordo com os dados proporcionados pelos sentidos. Assim, definia que nós só conhecemos entidades palpáveis, concretas e que nossos conceitos não passam de meios linguísticos para expressar uma ideia, necessitando de realidade física para serem comprovados.

Ficou marcado pela criação do conceito Navalha de Occam, que defendia a intuição como ponto de partida para o conhecimento do universo. A base desse princípio filosófico diz que se existirem diversas teorias para explicar determinado tema, e se não houver evidências que comprovem se há uma mais verdadeira que a outra, deverá valer a mais simples, aquela que pode ser provada sensorialmente. A regra é inspirada na dinâmica da economia medieval e foi muito utilizada por Occam para definir mais precisamente o conceito de realidade usado pelos pensadores escolásticos.

### **Contribuições do Renascimento à teoria do signo.**





*Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.*

*Técnica Vocal com praticas de solfejos.*

*Pratica Instrumental: Cordas, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)*

*Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-*

*Fone: 3841-2361 ou 981364821*

Caracterizado como o período da descoberta de novos continentes, época de grandes invenções como a bússola e a imprensa, o Renascimento é considerado um marco da cultura europeia.

Tratava-se, na verdade, de um poderoso movimento artístico e literário, surgido na Itália entre os séculos XV e XVI e espalhado por todo o continente europeu, fazendo reflorescer a arquitetura, as artes plásticas, a literatura, a música, e dando novo vigor à política.

Desse período histórico, destacam-se a redução da influência da Igreja Católica, do Império Romano-Germânico, o surgimento das cidades-estados, o desenvolvimento das línguas nacionais e o início do desmoronamento das estruturas feudais.

O Renascimento, que fez uma releitura dos textos clássicos em grego e latim, é responsável pelo surgimento do Humanismo, movimento intelectual nascido na Itália e responsável pela criação de um sistema de pensamento que rejeitou as estruturas mentais impostas pela religião durante a Idade Média.

O Humanismo garantiu a supremacia do homem sobre a natureza, dando a ele espírito crítico e confiança em suas próprias possibilidades, características do Antropocentrismo.

Na perspectiva da teoria dos signos, o Renascimento viu surgir o modelo da assinatura das coisas. Essa doutrina foi estudada na obra do médico e sábio suíço Paracelsus (1493-1541). Em seu trabalho podemos encontrar um sistema elaborado de códigos para a interpretação de signos naturais, tendo Deus como autor das mensagens do mundo.

Ele foi acompanhado nessa tarefa por outros três assinantes de signos naturais – o homem, o principio interior de desenvolvimento (*archaeus*), as estrelas e os planetas. Assim, os signos naturais eram chamados de assinaturas e suas articulações resultavam em codificações que originaram a quiromancia, geomancia, piromancia, hidromancia, astrologia. Os signos do mundo natural mantêm entre eles relações de semelhança, analogias, afinidades ou correspondências.

No Renascimento, pode-se destacar ainda a obra *Tractatus de Signis*, escrito em 1632, por Jean Poinot (1589-1644), nome do português João de São Tomás.





*Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.*

*Técnica Vocal com praticas de solfejos.*

*Pratica Instrumental: Cordas, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)*

*Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-*

*Fone: 3841-2361 ou 981364821*

Sua teoria admite que todos os instrumentos dos quais nos servimos para conhecer e para falar, são signos. Assim, ele define o signo como instrumento, um meio para a mediação do sujeito rumo ao conhecimento.

## **Teoria do signo nos séculos XVII e XVIII.**

### **O Racionalismo francês**

Desenvolvido na escola semiótica de Port-Royal, parte da definição de raciocínio para traçar seu percurso. Raciocínio, nessa visão, é uma operação mental, discursiva e lógica, que usa uma ou mais proposições para extrair conclusões sobre qual delas é verdadeira, falsa ou provável. A obra de René Descartes (1596 – 1650) marca essa corrente, quando define que a inteligência está acima da experiência. Seu pensamento sustenta a primazia da razão em relação ao sentimento e à vontade, eliminando o aspecto referencial do signo ao estabelecer que as relações se dão no mundo das ideias e não no da concretude material.

Para Descartes, que optou pelo modelo didático de signo advindo da gramática geral e da lógica da escola de Port-Royal, o signo compreende duas ideias: uma da coisa que representa (significante) e uma ideia da coisa representada (significado). Dessa forma, o signo verbal seria uma representação ou modelo mental do som e da articulação, no momento da recepção. Este modelo influenciou o trabalho do linguista Ferdinand Saussure, que abordaremos mais adiante.

Antes de nos ocuparmos do empirismo inglês, propriamente, é necessário destacar o trabalho de dois filósofos e suas contribuições que nos servem de pontes para entendermos a construção da teoria do signo na perspectiva da História da Filosofia: Francis Bacon (1561 – 1626) e Gottfried Wilhelm von Leibiniz (1646 – 1716).

Bacon, o primeiro dos três famosos filósofos ingleses a ter lugar na Corte, junto a Thomas Hobbes e John Locke, considerava a filosofia como uma nova técnica de raciocínio com o objetivo de restabelecer a ciência natural sobre bases firmes. O núcleo de seu trabalho está no pensamento indutivo.



*Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.*

*Técnica Vocal com praticas de solfejos.*

*Pratica Instrumental: Cordas, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)*

*Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-*

*Fone: 3841-2361 ou 981364821*

Segundo Winfried Nöth, Bacon era um cético semiótico, que “estudou os meios linguísticos de “falsificar” as coisas no seu tratado *Idols of the marketplace* (Novum organum I, 43). Também foi ele quem descobriu, em 1605, a possibilidade de codificar economicamente o alfabeto, substituído por um código binário no qual dois elementos (a e b) são usados para substituir as 25 letras do alfabeto em combinações do tipo A = aaaaa, B = aaaab, C = aaaba, D = aaabb (De Augm. Scient. VI. 1). De certo modo, essa idéia está nas origens da teoria da informação” (NÖTH, 1995, p. 45).

Leibniz, filho de um professor de filosofia moral, foi o primeiro a perceber que as leis do pensamento, a anatomia da lógica, como determinou, seria um assunto de análise combinatória. Em sua obra, admitia que uma série de causas eficientes relacionadas ao corpo e seus atos, determinariam o agir humano dentro da cadeia causal do mundo natural. Para Leibniz não há ação livre se não for contingente, espontânea e refletida. No campo da teoria dos signos, contribuiu para a criação de um sistema racional de signos.

O **empirismo inglês** foi na filosofia da época um movimento que acreditava que as experiências eram as únicas ou principais formadoras de ideias, discordando da noção de ideias inatas de René Descartes. Seus principais expoentes foram Thomas Hobbes (1588 – 1679), John Locke (1632 – 1704) e George Berkeley (1685 – 1753).

Hobbes trabalhou temas fundamentais no empirismo, partindo da premissa de que todo conhecimento é sensação. Assim, a imaginação seria um agrupamento inédito de fragmentos de sensação e a memória, um reflexo de antigas sensações. Foi responsável pela definição diádica e materialista do signo verbal, postulando que os nomes são signos de nossas concepções e não das coisas mesmas. De acordo com Nöth, Hobbes “evidenciou um modelo associacionista bastante unilinear de semiose, ao salientar que, na associação de um acontecimento antecedente com um evento conseqüente, um é signo do outro” (1995, p. 45).

Berkeley, insatisfeito com o rumo que a filosofia moderna tomara, passou a defender o imaterial da realidade. Partindo de críticas ao pensamento de Locke, afirmava que as únicas coisas com existência efetiva são Deus e os espíritos humanos. Por isso, condenava discussões acerca de coisas das quais não se têm ideias. Para ele, ideias são palavras com significado e o conhecimento gira em torno delas. Sua obra **Sobre os**





*Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.*

*Técnica Vocal com praticas de solfejos.*

*Pratica Instrumental: Cordas, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)*

*Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-*

*Fone: 3841-2361 ou 981364821*

Os filósofos iluministas propunham que o homem deveria combater o sistema de crenças religiosas e os misticismos do mundo medieval. Essa forma de pensar partia do princípio de que o homem é naturalmente bom, mas passível de ser corrompido pela sociedade. Por isso, propunham o estabelecimento de uma sociedade justa, com direitos iguais a todos, para que a felicidade comum pudesse se estabelecer.

Esses ideais foram adotados pela burguesia da época, que viu nesse pensamento uma forma de participar mais efetivamente das questões políticas envolvendo, sobretudo o poder. É sempre bom lembrarmos que naquele regime, o clero vinha em primeiro lugar, seguido da nobreza, da burguesia e dos trabalhadores da cidade e do campo, nessa ordem.

Embora irradiado na França, o Iluminismo surgiu, de fato, na Inglaterra, principalmente com a obra de John Locke, já comentada anteriormente.

Para os iluministas, cada pessoa deveria pensar por si própria e não se deixar levar por outras ideologias que eram obrigadas a seguir.

Nesse contexto histórico, se inserem novas possibilidades para a construção de uma teoria dos signos. Isso porque, foi no século XVIII que se abriram novas fronteiras para a ampliação de áreas da epistemologia, hermenêutica e da estética. No campo da epistemologia, se intensificaram os estudos sobre a gênese e os processos de percepção dos signos. A hermenêutica, arte geral da interpretação, possibilitou o entendimento do papel dos signos no processo de compreensão dos textos. Por sua vez, a estética contribuiu com investigações acerca da função do signo na percepção do belo. No âmbito da estética, é importante ressaltar a obra de Alexander Gottlieb Baumgarten, que em trabalho escrito em 1750 definiu estética a partir da palavra grega *aísthesis*, como “percepção dos sentidos”.

Entre os franceses devemos relevar as contribuições de Etienne Bonnot de Condillac (1715-1780), um dos responsáveis pela fundamentação de uma nova forma de empirismo, o sensualismo.

Amigo dos enciclopedistas foi o principal divulgador das ideias de Locke na França e o primeiro a elaborar uma teoria psicológica da utilidade como base de valor.

Segundo sua teoria, o ponto de partida para o conhecimento é a sensação, seguida da percepção, consciência, atenção, reminiscência, imaginação, interpretação, memória e



*Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.*

*Técnica Vocal com praticas de solfejos.*

*Pratica Instrumental: Cordas, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)*

*Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-*

*Fone: 3841-2361 ou 981364821*

reflexão. Defensor do princípio de que o uso dos signos revela a fonte de todas as nossas ideias, Condillac estabeleceu três categorias de signos: **causais** (aqueles que estabelecem conexões entre objetos e algumas de nossas ideias); **naturais** (estabelecidos pela natureza para expressarmos sentimentos como o medo, a alegria e a dor); e **instituídos** (aqueles que só têm uma relação arbitrária com nossas ideias) (NÖTH, 1995, p.51).

Também entre os franceses, destaca-se a obra do enciclopedista Denis Diderot (1713-1784), na contribuição para a construção de uma teoria do signo. Como filósofo, preocupava-se com a natureza do homem, sua condição, seus problemas morais e o sentido do destino.

Diderot acreditava que a linguagem dos gestos (tridimensional) é mais expressiva e lógica que a linguagem verbal (unidimensional), por estar mais próxima da realidade do mundo. Para ele, a linguagem verbal seria responsável pela distorção da realidade, à medida que apenas representa a realidade e, ao fazê-lo, distorce-a.

Dentre os ideólogos da Revolução Francesa, é importante destacar também a obra de Josef Marie Degérando (1772-1842), autor de **Os signos e a arte de pensar**, que desenvolveu a semiótica sensualista e um modelo semigenérico, onde distinguiu os limiares do signo em três níveis: as sensações necessárias à existência de representações (signos pré-lingüísticos), o limiar entre as sensações e o estado de conexão da sensação com a ideia (signos linguísticos). Os signos pré-lingüísticos iluminam a si mesmos ao evocarem ideias e os signos linguísticos desviam nossa atenção para as ideias que evocam.

Johan Heinrich Lambert (1728-1777), autor do primeiro tratado de teoria geral do signo, que recebeu o nome de **Semiótica** (1746), onde acentua o papel dos signos na clarificação das ideias obscuras.

Sua obra apresenta quatro tipos de signos: naturais, arbitrários, imitações e representações (entendidas como variados graus de similitude). No trabalho, apresentou 19 sistemas sígnicos, abordando desde os gestos, as palavras orais e escritas, as notas musicais, as representações visuais, os signos químicos, os sociais e os naturais.

#### **- Contribuições de Vico**



*Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.*

*Técnica Vocal com praticas de solfejos.*

*Pratica Instrumental: Cordas, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)*

*Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-*

*Fone: 3841-2361 ou 981364821*

A obra do italiano Giambattista Vico (1668-1774), embora fora dos padrões essenciais do espírito iluminista, também merece ser lembrada, principalmente se observarmos os aspectos evolucionistas e não-cartesianos de suas idéias. Escrito em 1725, seu trabalho *Nuova Scienza* apresenta temas como a poesia, o mito, a metáfora, a língua e a evolução dos signos na história da humanidade, dividida entre:

- **Era divina** - Quando os homens se expressavam por meio de hieróglifos, gestos ou objetos que mantivessem relações naturais com as ideias.
- **Era heroica** - Quando a comunicação se caracterizou por representações visuais como emblemas, brasões, insígnias que denotassem poder, sendo as ideias abstratas representadas por mitos, especialmente o mito do herói.
- **Era humana** – Quando os signos, dominados pela razão e pelas imposições do processo civilizatório levaram ao declínio da poesia e da imaginação.

## **A Semiótica no século XIX**

O século XIX foi marcado pelo Romantismo, um movimento artístico e filosófico que surgiu nas últimas décadas do século XVIII na Europa, com acentuada visão de mundo contrária ao racionalismo que caracterizou o Iluminismo. O período romântico é marcado pelo lirismo, pela emoção e por uma relevância da subjetividade em relação à visão de mundo.

As teorias dos signos surgidas nesse período definem noções centrais como símbolo e imagem, que acabaram determinando toda a produção intelectual sobre o tema naquela época.

A obra do alemão J.G. Fichte (1762-1814) teve relevância naquele momento porque defendeu a importância das imagens no processo de cognição, admitindo que o sistema de conhecimentos é um sistema de imagens sem realidade, significação ou finalidade. Como ideólogo, exerceu influência sobre os representantes do nacionalismo alemão, mas principalmente, sobre as concepções filosóficas de Friedrich Schelling, G.W.F. Hegel e Arthur Schopenhauer.

Dentre os grandes filósofos do século XIX destaca-se, sobremaneira, a obra de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), **Fenomenologia do Espírito**, onde introduz o





*Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.*

*Técnica Vocal com praticas de solfejos.*

*Pratica Instrumental: Cordas, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)*

*Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-*

*Fone: 3841-2361 ou 981364821*

conceito de dialética como a arte do diálogo, da contraposição e contradições que levam a novas idéias. Elaborou definições de signo e símbolo, ampliando as possibilidades da aplicação desse estudo.

Para Hegel, signos são como uma percepção imediata que representa um conteúdo bem diferente do que tem em si mesmo. Já o símbolo corresponde a uma percepção que, pela sua natureza própria é mais ou menos conteúdo do que manifesta.

A obra de Friedrich Wilhelm Christian Karl Ferdinand, o Barão de von Humboldt (1767-1835), merece destaque no contexto das teorias do signo produzidas no século XIX. Humboldt é tido como o primeiro linguista europeu a considerar a linguagem verbal humana como um sistema governado por regras e não simplesmente uma coleção de palavras e frases com significado.

Seu papel para a formação da semiótica verbal é fundamental, principalmente por introduzir o princípio da relatividade linguística. Segundo essa teoria, há diferenças estruturais entre várias línguas do mundo, que agem sobre a cognição humana. Seu trabalho estabeleceu uma diferenciação entre o sistema linguístico e os processos dinâmicos do uso da linguagem verbal.

Bernhard Placidus Johann Nepomuk Bolzano (1781-1848) também contribuiu para a formação da teoria dos signos com um tratado escrito em 1837, onde se encontra uma investigação sobre a utilidade dos signos.

Nela encontramos uma relação de nove vantagens do uso dos signos na descoberta da verdade e 13 regras para o uso e invenção de signos.

## **O Pragmatismo**

Entender o percurso da Filosofia da Linguagem a partir do século XX requer uma concentração para a abordagem sobre o Pragmatismo, escola filosófica surgida no final do século XIX nos Estados Unidos, caracterizada pela ideia de que a ação é o fim do homem.

Três pensadores norte-americanos são considerados os pioneiros na elaboração das teorias de sustentação do Pragmatismo: Charles Sanders Peirce (1839-1914), William James (1841-1910) e John Dewey (1859-1952).





*Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.*

*Técnica Vocal com praticas de solfejos.*

*Pratica Instrumental: Cordas, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)*

*Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-*

*Fone: 3841-2361 ou 981364821*

A missão do movimento pragmatista seria transformar a filosofia e seus métodos com a intenção de torná-la “útil”. Nessa visão, o pragmatismo seria uma espécie de ponto médio, colocado entre duas correntes filosóficas formadas, de um lado, pelos filósofos caracterizados como intelectualistas, otimistas, idealistas, religiosos, dogmáticos e racionalistas, guiados por **princípios**. De outro, estariam os pessimistas, fatalistas, não religiosos, céticos, pluralistas, materialistas e empiristas, guiados pelos  **fatos** (MOTA, HEGENBERG, 1984, p. 19).

O Pragmatismo seria uma forma de superar as disputas entre racionalismo e empirismo e, para tanto, propunha-se a ser um método para se chegar à verdade. Mota e Hegenberg acreditam que o pragmatismo pode ser entendido como tentativa de esclarecimento de idéias, procurando aplicar na análise filosófica as técnicas de investigação experimental que já eram colocadas em prática pela física e a biologia.

Essa tentativa deixa assentado, entre outros pontos, que os dados científicos são coligidos, em uma investigação, sob condições planejadas de observação – e não casualmente recolhidos, como se fossem impressões isoladas de vários órgãos dos sentidos. Erra, portanto, Bacon, ao sustentar que o conhecimento deriva da experiência, entendendo-a em termos de sensações distintas, sem cogitar do papel que o espírito desempenha na atividade preliminar de seleção, comparação e discriminação. Os dados da ciência não são ‘oferecidos’ ao espírito receptivo (e passivo), mas são encarados sob um prisma peculiar em que não é pequena a intervenção do controle e da análise experimental (MOTA, HEGENBERG, 1984, p. 20).

Nesse sentido, o pragmatismo é tido como um instrumento capaz de colaborar com procedimentos de decisão, a partir da observação de experiências (ou fenômenos), onde se consideram as alterações no âmbito da vida cotidiana e prática.

Assim definido, o pragmatismo nasceu realmente em 1878, quando Charles Sanders Peirce publicou o artigo **How to make our ideas clear** (Como tornar nossas idéias claras), impulsionando à construção arquitetônica de um edifício filosófico, que seria a base para o desenvolvimento da Semiótica, a ciência dos signos.



*Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.*

*Técnica Vocal com praticas de solfejos.*

*Pratica Instrumental: Cordas, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)*

*Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-*

*Fone: 3841-2361 ou 981364821*

Esse edifício, conforme explica Lúcia Santaella, uma das maiores especialistas em Semiótica peirceana no Brasil, se baseia em três pilares: Fenomenologia, Ciência Normativa e Metafísica.

No campo das Ciências Normativas, a Semiótica, conforme delineou Peirce, estaria acompanhada da Estética e da Ética. A ela, Semiótica, estariam subordinados três outros campos filosóficos: a Gramática Pura, a Lógica Crítica e a Retórica Pura (SANTAELLA,1996, p. 27).

Nessa perspectiva do Pragmatismo, a Fenomenologia é responsável pela observação e análise dos fenômenos, definindo as formas e propriedades universais de qualquer tipo de experiência e pensamento.

É com base na Fenomenologia que as Ciências Normativas, nesse escopo, se desenvolvem obedecendo a seguinte ordem: Estética, Ética e Semiótica (ou Lógica, como entende Peirce), com a função de “distinguir o que deve e o que não deve ser” (1996, p. 29).

Peirce, por sua vez, ao esboçar a Semiótica como teoria do signo propôs em sua fenomenologia, a existência de apenas três categorias universais, que chamou originalmente de Firstness, Secondness e Thirdness, traduzidas em português para Primeiridade, Secundidade e Terceiridade.

A elaboração de tríades como suportes classificatórios e categorizantes de fenômenos é uma prática que se encontra em Platão e nos católicos.

Porém, nos critérios adotados por Peirce, esse modelo procura reduzir a multiplicidade e complexidade universais em uma ordenação com determinado sentido.

Em sua visão pan semiótica, acreditava que o mundo é composto de signos analisáveis e classificáveis fenomenologicamente nos três eixos:

- **Primeiridade** – Categoria do sentimento imediato e presente nas coisas, sem relação com outros fenômenos do mundo; é a primeira impressão ou sentimento que recebemos das coisas, uma qualidade de sensação.
- **Secundidade** – Categoria que se inicia quando um primeiro fenômeno é relacionado a um segundo fenômeno qualquer, no sentido de comparação, do relacionamento direto, do embate, provocando uma experiência analogística





*Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.*

*Técnica Vocal com praticas de solfejos.*

*Pratica Instrumental: Cordas, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)*

*Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-*

*Fone: 3841-2361 ou 981364821*

Mas, para que se dê o processo de semiose, é necessário que esse potencial se realize, de forma parcial e singular, na mente de alguém ou de um dispositivo interpretativo (uma máquina, por exemplo). Essa faceta é chamada de interpretante dinâmico.

Quando, nesse percurso, o interpretante dinâmico atinge o momento da interpretação do signo, cria na mente um outro signo, resultado do processo de simbolização.

Peirce desenvolveu as classes ou categorias que envolvem todos os tipos de signos, segundo suas características referenciais e fenomenológicas. O trabalho parte de organizações tricotômicas, triádicas, que obedecem a lógica exposta a seguir:

**1. Primeira tricotomia** – Organiza os signos segundo as características do próprio signo, ou seja, do representamen. Este foi dividido por Peirce nas seguintes categorias:

- **Quali-signo** – qualidade sígnica imediata, tal como a impressão causada por uma cor; é considerada como um pré-signo ou ante materialidade sígnica de um signo
- **Sin-signo** – quando a qualidade sígnica se concretiza de maneira singular ou individual, passa a ser um sin-signo
- **Legi-signo** – quando o sin-signo gera uma idéia universalizada, uma convenção que substitui o conjunto que a singularidade representa, torna-se um legi-signo

**2. Segunda tricotomia** – Surge da relação entre o representamen e o objeto e é considerada por Peirce como a mais importante tricotomia, que a divide da seguinte forma:

- **Ícone** – assim como o quali-signo, representa apenas uma parte da semiose na qual o representamen evidencia um ou mais aspectos qualitativos do objeto. Tomemos como exemplos os retratos (desenhados ou fotografados) como exemplos de representamen, que possuem semelhanças, similaridades para com seus objetos (a pessoa retratada). Lembremos o exemplo da santa do vidro.
- **Índice** – estabelece uma relação direta entre signo e **objeto**, de modo referencial. Vamos nos lembrar do exemplo da nuvem e da chuva, dado em uma aula passada, quando dissemos que uma nuvem carregada nos remete à idéia de que vai chover. Podemos ampliar esses exemplos com outros, como as pegadas na areia indicando que alguém esteve ali, ou a sinais de fumaça em uma floresta, que nos remetem à impressão de que há fogo.



*Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.*

*Técnica Vocal com praticas de solfejos.*

*Pratica Instrumental: Cordas, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)*

*Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-*

*Fone: 3841-2361 ou 981364821*

- **Símbolo** – são signos arbitrários, pois já vêm com os sentidos socialmente convencionados pelo interpretante. Como já dissemos anteriormente, as palavras são os mais simbólicos signos que conhecemos. A palavra cadeira, por exemplo, se refere não somente a uma cadeira, mas a todos os tipos de cadeiras que conhecemos.

**3. Terceira tricotomia** – Considerada como a mais complexa e racional categorização dos signos, refere-se à relação entre representamen e interpretante. Também recebe uma divisão triádica em sua composição:

- **Rema** – em referência à lógica formal, pode ser chamado de termo, um enunciado impassível de averiguação de verdade, descritivo como um nome ou palavra. Podemos exemplificar com a palavra Fátima, que fora de qualquer contexto é considerada um rema.

- **Dicente** – corresponde à categoria lógica da proposição, que é a unidade mínima para exprimir idéias que podem ser verdadeiras ou falsas.

Combina ao menos um argumento e um predicado, como por exemplo: “meu nome é Fátima”. É um signo altamente informativo, porém não fornece os motivos pelos quais afirma algo.

- **Argumento** – esses motivos são fornecidos pelo argumento, um enunciado encadeado de forma a evidenciar a condição de verdade de uma conclusão. Discursos de caráter persuasivo ou silogismos formais são considerados exemplos de argumento: “Meu nome é Fátima porque nasci no dia 13 de maio, dia de Nossa Senhora de Fátima

## **As dez classes principais de signos para Peirce.**

**1- Quali-signo icônico remático** – é uma qualidade que é um signo, como a sensação do vermelho

**2- Sin-signo icônico remático** – é um objeto particular e real que, pelas suas próprias qualidades, evoca a ideia de outro objeto, como um diagrama dos circuitos numa máquina particular

**3- Sin-signo indicial remático** – dirige a atenção a um objeto determinado pela sua própria presença, como um grito de dor



*Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.*

*Técnica Vocal com praticas de solfejos.*

*Pratica Instrumental: Cordas, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)*

*Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-*

*Fone: 3841-2361 ou 981364821*

- 4- Sin-signo inidicial dicente** – além de ser diretamente afetado por seu objeto é capaz de dar informações sobre esse objeto, como um cata-vento.
- 5- Legi-signo icônico remático** – ícone interpretado como lei, como um diagrama em um manual
- 6- Legi-signo indicial remático** – lei geral que requer que cada um de seus casos seja realmente afetado por seu objeto, de tal modo que simplesmente atraia a atenção para esse objeto, como um pronome demonstrativo.
- 7- Legi-signo indicial dicente-** lei geral afetada por um objeto real, de tal modo que forneça informação definida a respeito desse objeto, como uma placa de trânsito.
- 8- Legi-signo simbólico remático** – signo convencional que ainda não tem o caráter de uma proposição, como um dicionário
- 9- Legi-signo simbólico dicente** – combina símbolos remáticos em uma proposição, sendo, portanto, qualquer proposição completa.
- 10- Legi-signo simbólico argumento** – signo do discurso racional, tal como a forma de um silogismo.

## **Como perceber o mundo das linguagens.**

Podemos, nesta altura do percurso, ampliar nossos objetivos introduzindo uma questão muito próxima à Filosofia da Linguagem, senão, essencial a ela. É o problema da percepção do signo, pois se o signo é aquilo que representa alguma coisa para alguém, certamente não o é para quem não o percebe como tal.

No entanto, em um mundo globalizado, onde as mensagens sígnicas têm um conteúdo valorativo altamente simbólico e invasivo, abordar a questão da percepção é atitude urgente para a formação de uma mentalidade que não seja submissa. E esse compromisso deve nortear a ação de qualquer agente filosófico, seja em qual âmbito for.

Vimos até aqui que qualquer tipo de linguagem serve para produzir sentido para nós. O ser humano é um ser simbólico, incapaz de sobreviver sem criar um universo de linguagem que o auxilie no processo de evolução de sua espécie. Todas as relações que





*Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.*

*Técnica Vocal com praticas de solfejos.*

*Pratica Instrumental: Cordas, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)*

*Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-*

*Fone: 3841-2361 ou 981364821*

mantemos com o mundo, com os outros ao nosso redor e até conosco mesmo, são mediadas pelas operações de linguagem.

Por isso, ao considerarmos a Semiótica como a ciência que se ocupa desse processo de mediação e sabendo que o homem é um ser simbólico por natureza, podemos dizer sem errar que todo ser humano é um ser semiótico. Apesar de a grande maioria deles não ter essa consciência que acabamos de adquirir.

Como afirma Santaella, “os signos produzem mensagens, transmitem informações de um ponto ao outro no espaço e no tempo, sem o que os processos de cognição, de comunicação, de significação e de cultura não seriam possíveis” (1998, p.13).

Essa dimensão pode ser ainda mais ampliada se pensarmos o quanto os processos perceptivos mais básicos, como os visuais, auditivos, táteis, olfativos e gustativos são, em si, também signos, uma vez que ao passar por qualquer dessas experiências sensoriais temos a capacidade de evocar a presença de uma ausência. Isso nos é permitido porque temos como auxiliar, além do sistema sensorio-motor, o potencial e os limites dos nossos esquemas cognitivos mentais.

As percepções humanas são resultados de elaborações cognitivas, o que as coloca no paradigma dos signos em sentido lato. Há, evidentemente, uma gradação que vai do olhar ao degustar. O olhar e a escuta são mais mediatizados, enquanto o apalpar, cheirar e degustar se colocam numa escala decrescente de mediação até a quase imediatez da degustação. Enquanto a visualidade e a escuta dependem de órgãos decodificadores sofisticados, como são o olho e o ouvido, o apalpar se dá numa interação corpo-a-corpo com a matéria, enquanto o cheiro e o paladar envolvem uma absorção da matéria por nossos órgãos sensores (SANTAELLA, 1993, p. 156-157).

## **A Semiótica no Brasil**

Todas essas ideias a respeito da teoria do signo acabaram formando um conjunto teórico bastante aberto e com propósitos críticos com capacidade de aplicação em áreas da linguagem como a literatura, as artes, a música, dança, jornal, rádio, cinema. Essa vocação interdisciplinar da Semiótica possibilitou expansões de caráter multidisciplinar,





*Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.*

*Técnica Vocal com praticas de solfejos.*

*Pratica Instrumental: Cordas, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)*

*Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-*

*Fone: 3841-2361 ou 981364821*

provocando diálogos com outras áreas do saber, como a epistemologia, ciências sociais, psicologia.

Desde 1992, o programa passou a incentivar e dar origem a alguns grupos, núcleos e centros de pesquisas. Dentre eles, podemos citar o Centro de Estudos Peirceanos, criado por Lúcia Santaella em 1996 e o Centro Interdisciplinar de Pesquisa em Semiótica da Cultura e da Mídia, criado por Norval Baitello Jr., também há 11 anos.

## **Semiologia – breve introdução**

A partir de então, lingüistas e semioticistas estabeleceram que signo é uma entidade de duas faces. Possui um significante, que é a parte perceptível pelos sentidos e um significado, que é um conceito, uma imagem mental associada a esse significante. “Tal signo possui um valor, socialmente determinado, que se define pelas relações que estabelece com os demais signos do sistema” (BIZZOCCHI, 2003, p. 49).

A semiologia de Saussure não deve ser confundida com a semântica, que estuda o significado na língua. Seus esboços apontam para uma grandeza maior em sua concepção. Foi tentando responder à pergunta “o que é a palavra?” - para ele um signo formado por conceito e som (significado e significante) -, que Saussure marcou sua contribuição para a emergência dessa nova disciplina.

Na concepção de sua teoria se encontram duas ideias fundamentais sobre o papel da semiologia no quadro das ciências humanas:

- A semiologia e a linguística são ramos da psicologia geral.
- As ciências da linguagem partem da semiologia e as leis gerais da ciência dos signos são aplicáveis à linguística.

Sua elaboração previa que a relação entre semiologia e linguística seria dupla. Primeiro, as leis da semiologia geral seriam aplicáveis à ciência dos signos linguísticos. Depois, as leis da linguística seriam um guia heurístico na elaboração da ciência dos signos em geral. Foi esse o caminho percorrido pela semiótica estruturalista dos anos 60, especialmente na França, como já dissemos, mas também na Itália.



*Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.*

*Técnica Vocal com praticas de solfejos.*

*Pratica Instrumental: Cordas, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)*

*Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-*

*Fone: 3841-2361 ou 981364821*

A partir dos anos 70, os semioticistas pós-estruturalistas passaram a perseguir a ideia de construção de uma teoria da linguagem que explicasse ao mesmo tempo sua evolução e funcionamento.

Os princípios básicos dessa ordenação estabelecem que a linguagem é mais do que um simples sistema de signos. “... além de conter um repertório de signos efetivamente criados e de regras combinatórias, a linguagem também contém a possibilidade de criar novos signos (e, numa velocidade menor, novas regras combinatórias)” (BIZZOCCHI, p. 49).

Ao reforçar a associação que existe entre um significante e um significado, a relação de significação, a linguagem passou, então, a ser considerada, além de um sistema de signos, um sistema de significação. Dessa forma, a linguagem deve conter um repertório de signos efetivos, um conjunto de regras de combinação desses signos (códigos) e um processo contínuo de adaptação às realidades que se apresentam.

... vamos definir linguagem como um conjunto de elementos que mantêm entre si relações funcionais e que, além disso, foi concebido para ser percebido pelos sentidos e, assim, produzir no observador alguma reação racional ou emocional. Em outros termos, linguagem é uma estrutura cuja função é ser percebida.

Assim, todas as linguagens são combinações de elementos numa certa ordem produzindo “mensagens” capazes de impressionar a mente humana pelos sentidos (BIZZOCCHI, p. 52)

## O pós-estruturalismo

O estruturalismo não é uma filosofia. Mas pode ser considerado como uma teoria baseada em metodologia própria. É, na realidade, um método interdisciplinar de investigação, adotado em diversos campos do conhecimento. Servindo de instrumento para se organizar a leitura de uma realidade, contribui para entendermos estruturas lingüísticas, psicológicas, etnológicas, antropológicas, entre outras, como processos de



*Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.*

*Técnica Vocal com praticas de solfejos.*

*Pratica Instrumental: Cordas, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)*

*Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-*

*Fone: 3841-2361 ou 981364821*

ordenamentos sígnicos. As análises desses processos possibilitam aberturas para a compreensão de nossa dimensão cósmica. Sobretudo, de nossas relações humanas.

Ao pensarmos uma estrutura, nesse âmbito, não podemos idealizá-la apenas como uma simples construção abstrata, modelar. O modelo, nesse caso, é considerado uma simplificação do real e pode ser alterado de acordo com a análise do fenômeno que queremos investigar. Ou seja, os fenômenos devem ser estudados em suas singularidades, para identificarmos padrões de pensamento, comportamento, de expressão de conteúdos vivenciais. Sobre esse leque se debruçam o lingüista, o antropólogo, o psicólogo, o filósofo.

Durante o período de sua efervescência, o estruturalismo atraiu pensadores que já haviam tomado contato com a Semiótica, dentre eles podemos destacar Algirdas Julien Greimas, Mikhail Bakhtin, Roland Barthes e Umberto Eco, como veremos a seguir.

Greimas (1917-1992) se notabilizou por introduzir os estudos sobre semântica narratológica, baseados em um modelo chamado actancial. Essa palavra provém de actante, que “pode ser concebido como aquele que realiza ou que sofre o ato independentemente de qualquer outra determinação” (GREIMAS, COURTÉS, 1979, p.12).

O modelo de Greimas está inserido em uma teoria discursiva complexa, incluindo o nível profundo e o superficial dos discursos.

Nos anos 70, começaram a ser divulgados importantes estudos realizados no início do século XX na então União Soviética. Silenciados pela ditadura stalinista, esses trabalhos receberam o nome de formalismo russo, e apresentavam coincidências muito relevantes com as teorias linguísticas surgidas no mesmo período.

Na mesma época, e na própria União Soviética, surgiu também o Círculo de Bakhtin, com trabalhos voltados para investigações acerca da literatura e cultura. A complexidade do pensamento de Bakhtin levou à configuração de elementos articulados de linguagem, que concebem o eu e o outro como inseparáveis, habitando e sendo habitados por inúmeras vozes. Os principais conceitos da obra de Bakhtin se resumem a dialogismo (o diálogo é forma de ligação entre linguagem e vida e a palavra é o espaço no qual se confrontam os valores sociais contraditórios), polifonia (inúmeras vozes em diálogo entre o eu e o outro) e autoria.



*Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.*

*Técnica Vocal com praticas de solfejos.*

*Pratica Instrumental: Cordas, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)*

*Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-*

*Fone: 3841-2361 ou 981364821*

Dessas duas correntes soviéticas – formalismo russo e Círculo de Bakhtin - desenvolveu-se a Escola de Tartu, que se propunha a analisar os fenômenos da cultura em geral. Esse movimento deu início à formulação da Semiótica da Cultura, cujas teorias principais já pudemos aprender na Unidade I desta disciplina.

Merecem destaque também os projetos semióticos de Roland Barthes (1915-1980) que abraçou outros sistemas de signos além dos linguísticos e iterários. São famosas as leituras semióticas de Barthes sobre cinema, pintura, moda e comunicação de massa, reunidos na coletânea **Mitologias**.

Esse resgate histórico não estaria completo sem o registro da obra do italiano Umberto Eco (1932), que define semiótica como uma teoria da cultura. Seus estudos abrangem desde a filosofia medieval até a cultura popular cotidiana, como o Carnaval do Rio de Janeiro e os rituais de umbanda e candomblé na Bahia. Seu reconhecimento, apesar de contribuições importantes no âmbito teórico, se dá em função de seus famosos best-sellers, como **O nome da rosa**, **O pêndulo de Foucault** e **A ilha do dia anterior**.

## **Conceitos básicos para pensar a linguagem na Filosofia.**

Todas as investigações feitas ao longo da história humana sobre questões envolvendo a representação apontam para a necessidade de se entender as formas de comunicação entre seres vivos e/ou (re) animados pelas energias em uso.

A presença do filósofo para pensar o universo da representação, o mundo da linguagem, ou das linguagens como é melhor apresentável é muito necessária nesse processo.

Sua função é tentar determinar o que é a linguagem e como se relaciona com outras formas de atividades humanas, mais ou menos análogas, semelhantes em alguns propósitos.

Também é sua tarefa tentar compreender, em suas singularidades, os fenômenos de mediação entre a existência e a essência das coisas e das ideias, ou seja, numa linguagem semiótica, como determinados signos são organizados em códigos para produzirem linguagens e darem sentido para alguém se orientar no caminho da vida.



*Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.*

*Técnica Vocal com praticas de solfejos.*

*Pratica Instrumental: Cordas, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)*

*Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-*

*Fone: 3841-2361 ou 981364821*

Esse é o papel da Filosofia da Linguagem, que em princípio somente se ocupou da natureza do significado linguístico.

A formulação da disciplina Filosofia envolve hoje estudos sobre a referência, o uso, o aprendizado das linguagens. Procura analisar ainda a criatividade de quem fala e a compreensão por aquele que se deixa tocar por essa fala.

Quem filosofa sobre as linguagens interpreta, traduz, pensa e repensa, troca e comunica. E, assim, vive e contribui para o viver.

William Alston, autor do livro *Filosofia da Linguagem*, elencado nas referências bibliográficas desta disciplina, apresenta na introdução de sua obra conceitos básicos que são necessários para se pensar a linguagem.

A eles acrescentaremos algumas reflexões sobre as evoluções das formas de linguagem e a urgência que temos em aprendê-las para continuarmos interconectados na rede complexa que é o planeta Terra e suas ramificações intergalácticas.

A ligação para o desenvolvimento da argumentação conteudística é feita na obra de Edgar Morin, que tão bem define a importância da linguagem em qualquer circunstância da vida:

A linguagem está em nós e estamos na linguagem.  
Fazemos a linguagem que nos faz. Somos, na e através da linguagem, abertos pelas palavras, fechados nas palavras, abertos para o outro (comunicação), fechados para o outro (mentira, erro), abertos para as idéias, fechados nas idéias, abertos para o mundo, fechados ao mundo. Reencontramos o paradoxo cognitivo maior: somos prisioneiros daquilo que nos liberta e libertos por aquilo que nos cerca. (MORIN, 1998, P.210).

Certamente, Morin tem uma visão bastante ampliada sobre o conceito de linguagem, apresentado em *O método 4: as ideias*, iniciado em 1984 e publicado em 1991 pela Editora Seuil (no Brasil, pela Sulina de Porto Alegre). No trabalho, uma continuação de sua investigação anterior sobre o conhecimento do conhecimento, Morin mostra o estudo das ideias sobre três vertentes de sua consciência cósmica:







*Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.*

*Técnica Vocal com praticas de solfejos.*

*Pratica Instrumental: Cordas, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)*

*Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-*

*Fone: 3841-2361 ou 981364821*

Alston inicia sua apresentação sobre os propósitos da Filosofia da Linguagem tratando de três teorias de significação: Teoria Referencial, Teoria Ideacional e Teoria Comportamental, que veremos resumidamente a seguir.

- **Teoria Referencial** - Parte do princípio de que a linguagem é usada para falar **sobre** as coisas. Assim, para uma expressão ter significado, deve se referir a algo diferente dela própria. De uma forma rudimentar, podemos entender que o significado de uma expressão é aquilo a que a expressão se refere. De forma mais sofisticada, temos que o significado da expressão deve ser identificado com a relação entre a expressão e o seu referente, isto é, a conexão referencial constitui a significação.

- **Teoria Ideacional** – O enunciado clássico dessa teoria foi dado pelo **Ensaio sobre o entendimento humano**, de John Locke: “O uso, portanto, de palavras consiste em fazer delas marcas sensíveis de ideias; e as ideias que representam são a sua apropriada e imediata satisfação” (Seção I, cap. 2, Livro III cf. ALSTON, p.44).

Esse modelo está subentendendo sempre que as pessoas pensam na linguagem como um meio ou instrumento de comunicação humana. Conforme a teoria, o que dá certa significação a uma expressão linguística é o fato de ser ela regularmente usada na comunicação como a ‘marca’ de certa ideia, uma vinculação a priori. Assim, as ideias que constituem o nosso pensamento têm uma existência e uma função independentes da linguagem, pois estas já nos são dadas a priori

- **Teoria Comportamental** – Parte do princípio de que o uso significativo da linguagem tem como referência o ‘mundo’. De algum modo, expressamos e comunicamos nossos pensamentos usando a linguagem. No entanto, as unidades de linguagem obtêm sua significação mediante o seu uso por pessoas, mediante o fato de essas pessoas estarem envolvidas em várias experiências fenomênicas, que por sua vez evocam inúmeras espécies de comportamento. Dessa forma, podemos entender que a significação depende do contexto em que se inserem falantes e ouvintes. (ALSTON, 1972, pp. 55-56).

## **A Filosofia da Linguagem em Ludwig Wittgenstein.**

Não é possível estudarmos a Filosofia da Linguagem sem tratarmos da obra de Ludwig Joseph Johann Wittgenstein (1899-1951), filósofo vienense considerado como um dos





*Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.*

*Técnica Vocal com praticas de solfejos.*

*Pratica Instrumental: Cordas, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)*

*Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-*

*Fone: 3841-2361 ou 981364821*

mais influentes no século XX, exatamente por suas contribuições inovadoras no campo da lógica.

Como estudante de engenharia na Inglaterra, Wittgenstein foi aluno do filósofo Bertrand Russell, que naquele momento havia publicado a obra ***Principia Matemática*** (1913), considerada uma tentativa de reduzir a matemática à lógica. Essa revolução na lógica matemática, que se descortinava no início do século passado, acabou por abrir novas perspectivas para o surgimento de uma ciência dos significados, da qual Wittgenstein foi um dos principais idealizadores.

Considerado como um dos responsáveis pela “virada linguística da filosofia”, Wittgenstein contribuiu para alertar os filósofos de sua época sobre a necessidade de se buscar uma “filosofia livre do arbitrário, da tagarelice e da insignificância metafísica e com o rigor e a validade da ciência” (Morin, 2001, p. 217).

Seu primeiro livro foi publicado em 1921 e chamava-se ***Tractatus Logico Philosophicus***. Pensado quando estava na caserna, durante a Primeira Guerra Mundial, foi concluído em 1918. O ***Tractatus*** ficou aguardando três anos para a publicação.

O livro foi escrito em um contexto em que a lógica se comprometia a aliar-se à razão para assim compreender o significado de frases e textos dispostos em várias disciplinas do conhecimento, no sentido de reduzi-las a átomos lógicos.

Esse era o teor de sua tese de doutorado, defendida em 1929, para mostrar como as partes se conectavam em uma linguagem ideal de forma a compor todos os significados possíveis.

Versando sobre sete proposições comentadas e esclarecidas, o ***Tractatus Logico Philosophicus*** de Wittgenstein é a base de sua visão filosófica, que diz:

- 1- O mundo é tudo o que ocorre.
- 2- O que ocorre, o fato, é o subsistir de estados de coisas.
- 3- Pensamento é a figuração lógica dos fatos.
- 4- Pensamento é a proposição significativa.
- 5- A proposição é uma função de verdade das proposições elementares.
- 6- Há uma fórmula geral da função de verdade.
- 7- O que não se pode falar deve-se calar.



*Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.*

*Técnica Vocal com praticas de solfejos.*

*Pratica Instrumental: Cordas, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)*

*Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-*

*Fone: 3841-2361 ou 981364821*

Vejamos um exemplo bem simples, para entendermos seus propósitos: uma caneta é uma coisa; a afirmação de que a caneta é preta, consiste em um fato. Pensando dessa maneira, Wittgenstein propõe que o mundo, da forma como é conhecido, seja uma reunião de fatos, captados pelo pensamento, que seria uma imagem lógica dos fatos.

Assim, relaciona o pensamento como sendo a linguagem verbal concretizada em imaginação (em imagens mentais), assumindo o papel de construtora de nosso senso de mundo. De nossa realidade. Para ele, aquilo que não podemos dizer, não pode conhecer ou concretizar. Portanto, sobre aquilo que não conseguimos falar, devemos silenciar.

Para Wittgenstein o objetivo último da reflexão filosófica é a clarificação da estrutura mais geral da realidade, sendo que o problema central da Filosofia da Linguagem, sob este prisma, é encontrar e conhecer o valor de verdade das proposições iniciais. Ao filósofo cabe determinar o valor de verdade das proposições elementares.

## **Uma questão de figuração.**

Para Wittgenstein, a Filosofia tem um sentido profundo, que é mostrar as raízes da perplexidade e como elas se acham marcadas no pensamento humano. Usando métodos investigativos, ele acredita que o trabalho do filósofo é explorar todos os domínios do pensamento, para entendê-lo em todas as dimensões possíveis.

No entanto, ele acredita que a Filosofia deve ensinar ao homem apenas como “ver” as questões, sem explicar, inferir, deduzir e, seria bom, nem mesmo induzir. Desse ponto de vista, a função do filósofo é somente “pôr à vista” as perplexidades que acontecem quando esquecemos as razões de nosso universo de conceitos. É assim que a Filosofia também reflete sobre como se emprega mal as potencialidades da linguagem, criando vários tipos de desvio em uma comunicação. O que causa a “des-comunicação”.

O mundo de hoje é muito rico em exemplos, uma vez que é cada vez mais entrópico do ponto de vista da perda energética gerada por um excesso de monólogos, diálogos, discursos, aparelhos, mediadores, humanos, emoções humanas, máquinas... Amplificadoras de sons, imagens, cheiros, gostos e contatos.



*Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.*

*Técnica Vocal com praticas de solfejos.*

*Pratica Instrumental: Cordas, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)*

*Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-*

*Fone: 3841-2361 ou 981364821*

O mundo de hoje é propício para o surgimento de figurações, que motivaram o pensamento do primeiro Wittgenstein e a construção de suas ideias em linguagem verbal escrita. Grande parte de seu trabalho exposto no Tractatus consistiu em explicar a natureza das sentenças das linguagens verbais (orais ou escritas).

Assim, temos que a Teoria da Figuração é embasada em dois pilares:

- **Formas de representação** – É tudo o que existe em comum entre a figuração e o afigurado; dado em contextos macro (símbolos sociais) e microcósmicos (símbolos individuais), possui caráter de objetos ou de ideias.
- **Formas de realidade** – É a possibilidade de que as coisas no mundo estejam relacionadas como os elementos da figuração, construindo um painel de fundo para a expressão dessas representações.

Algumas questões para serem refletidas:

- É possível haver pensamento sem linguagem?
- É possível raciocinar sem linguagem?
- O que é o significado?
- Qual é o significado do significado?

Na canção Sampa, Caetano Veloso canta a expressão “... Porque és o avesso, do avesso, do avesso, do avesso”. Cante mentalmente a canção, refaça o percurso poético do compositor e tente explicar o que Caetano quis dizer com isso.

## **Referências Bibliográficas**

- ALSTON, W.. **Filosofia da linguagem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972
- BAITELLO Jr., Norval. **O animal que parou os relógios**. São Paulo: Annablume, 1997
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986
- BIZZOCCHI, Aldo. **Anatomia da cultura – uma nova visão sobre ciência, arte, religião, esporte e técnica**. São Paulo: Editora Palas Athena, 2003
- BYSTRINA, Ivan. **Semiotik der Kultur**. Tübingen: Stauffenburg, 1989
- CHALHUB, S. **A metalinguagem**. São Paulo: Ática, 1986
- ECO, Umberto. **Semiótica e filosofia da linguagem**. São Paulo: Ática, 1992



*Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.*

*Técnica Vocal com praticas de solfejos.*

*Pratica Instrumental: Cordas, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)*

*Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-*

*Fone: 3841-2361 ou 981364821*

HORKHEIMER, M; ADORNO, T. **Sociologia e sociedade**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Ed. S.ª, 1987

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. São Paulo; Perspectiva, 1971

LOTMAN, I. **A estrutura do texto artístico**. Lisboa: Editorial Estampa, 1976

\_\_\_\_\_ & **Escuela de Tartu**. **Semiótica de la cultura**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1979.

LOTMAN, I; USPENSKI in SCHNAIDERMAN, B.. “Sobre o mecanismo semiótico da cultura” in **Semiótica Russa**. São Paulo: Perspectiva, 1979)

MARX, K; ENGELS, F.. **Sobre literatura e arte**. Lisboa: Editorial Estampa, 1974

MORIN, Edgar. O método 4. **As idéias – habitat, vida, costumes, organização**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2001

MORIN, Edgar. **O paradigma perdido**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1988

PROSS, Harry. **Terminologia básica**. Berlim: mimeo. Trad. Norval Baitello Jr., 1982

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano**. São Paulo: Paulus, 2003

\_\_\_\_\_ **Cultura das mídias**. São Paulo: Scritta, 1992.